

“Organicidade oracular”: baralho pedagógico-terapêutico

Maiara Mendes dos Santos

Orientação: Ma. Ligie Elena Dallagnol Acevedo

DOI: <https://doi.org/10.5281/zenodo.21137649>

Semear palavras

O germinar criativo dessa proposta nasceu do solo fronteiriço ao qual me localizo como corpo-território. Sou do interior, nasci e fui criada nas bordas do Paraná, estado que, mesmo tendo seu nome advindo da língua tupi-guarani, frequentemente insiste em apagar suas origens Guarani, Kaingang e Xetá. Neste mesmo contexto, também são desconsiderados os povos afrodiaspóricos, que aqui construíram o “progresso” da branquitude a custo de muita exploração desses corpos dissidentes, além da devastação e extermínio de etnias, de espécies de animais e plantas, da contaminação de rios, e do apagamento de nossa própria história, que segue em curso.

Fui criada na fronteira, que além de demarcar a divisa do Brasil com a Argentina, também demarcou durante décadas, o acesso à informação e ao conhecimento, dito importante para o desenvolvimento econômico e social daquele lugar. Cresci em Pérola d’Oeste, uma pequena cidade de 5 mil habitantes, que tem em seu centro, a igreja católica, de onde convergem a moral e as decisões políticas sobre os rumos do município, mesmo havendo uma prefeitura - Deus é quem guia. Além disso, também “cresci” em uma família inter-racial, meus avós maternos e minha mãe, de pele escura, sem saber dizer ao certo qual seria sua origem, apenas sabem que são “pretos”, e isso, desde o princípio lhes conferiu um lugar naquela pequena sociedade: o da servidão. Durante boa parte de suas vidas, meus avós trabalharam na roça como boia-fria, vivendo sob a égide dos patrões donos de terra, pouco puderam ter acesso aos estudos e consequentemente, serem alfabetizados, mas fizeram o melhor que podiam para que os filhos estudassem e minha mãe, conseguiu concluir o segundo grau depois que eu já era nascida.

Parto deste recorte de minha história, para adentrar o leito do grande rio que é o pensamento quilombola e contracolonial de Antônio Bispo dos Santos (2023). Assim como ele, cresci aprendendo com a minha geração avó, a desde muito pequena, a cuidar

dos bichos, plantar a terra, contemplar e observar o canto dos pássaros, a direção dos ventos, a dança da copa das árvores, a aproveitar ao máximo o que a terra dá e a perceber o que ela quer. Dar de comer pra terra é um gesto de gratidão, quando se tem ela como mãe, como origem, como base e retorno.

Nesse sentido, a proposta de semeadura, partilha e entrega que orienta este trabalho parte de um olhar voltado ao cuidado coletivo e à confluência de saberes e cosmocepções, construídas ao longo do percurso formativo na Especialização em Psicologia da Descolonização do Instituto Parentes, realizada entre setembro de 2024 e abril de 2026. Fundamenta-se, sobretudo, nas perspectivas contracoloniais de Antônio Bispo dos Bispo (2023), conhecido como Nego Bispo, para a construção de uma ferramenta terapêutica e co-criativa voltada a grupos, com base nos conceitos da obra *A terra dá, a terra quer*. A ferramenta, aqui denominada “Organicidade Oracular”, resgata a noção de oráculo como tecnologia ancestral de transmissão de conhecimentos e pertencimento, sendo concebida como instrumento para o cuidado comunitário.

Assim, a pergunta norteadora desta pesquisa decolonial se apresenta: como um baralho pedagógico-terapêutico de conceitos contracoloniais, aplicado em uma oficina co-criativa fundamentada no pensamento de Antônio Bispo dos Santos, pode fomentar processos de descolonização do cuidado, deslocando a saúde mental da esfera individual para uma prática de confluência entre humano, natureza e comunidade?

Dessa forma, este trabalho tem como objetivo principal aplicar e experimentar uma ferramenta de cuidado e envolvimento comunitário, estruturada como um baralho de conceitos denominado “Organicidade Oracular”, concebido como semeador de palavras contracoloniais, por meio de uma oficina co-criativa realizada em um espaço cultural na cidade de Curitiba. Busca-se, ainda, transfluir, a partir de uma criação coletiva baseada em pressupostos da arteterapia, a produção de uma obra de arte que incorpore os conceitos partilhados na roda de conversa e as reflexões ali mobilizadas.

Confluenciar saberes

*Semei as sementes que eram nossas e as que não eram nossas.
Transformei as nossas mentes em roças e joguei uma cuia de
sementes
(Antônio Bispo dos Santos).*

Compartilhar o saber é uma forma de potencializá-lo. A Confluência — conceito germinante da obra-viva de Nego Bispo (2023) — pode ser compreendida como um rio que, ao encontrar outros rios, continua sendo ele mesmo e, ao mesmo tempo, torna-se outros, se fortalecendo-se, expandindo-se e multiplicando seus fluxos. Se a colonialidade é uma estrutura de poder que produz exclusão, exploração, desencanto e esquecimento (Rufino, 2019), o adestramento que se dá a partir da denominação, segundo Bispo (2023), é “uma tentativa de apagamento de uma memória, para que outra possa ser composta” (Bispo, 2023, p.12). Nesse sentido, confluenciar saberes constitui-se como uma forma de enfeitiçar a língua e contrariar as palavras coloniais, de modo a enfraquecê-las (Bispo, 2023).

O conhecimento orgânico segundo Bispo (2023) é o conhecimento vivo, prático e ancestral, transmitido originalmente pela oralidade, pois é pelo brincar de fazer que se aprende e se relaciona com a vida e a comunidade em comunhão. A própria noção de Organicidade nasce da relação com o cosmos, compreendendo o ser humano como “criatura” da natureza e não como o seu criador e dominador — ou seja, uma relação não-sintética, nem extrativista.

Diferentemente das relações de adestramento, submissão e desenvolvimento, ao qual, cotidianamente estamos inseridos nas grandes cidades, isolados e adoecidos em um sistema colonizante que nos fragmenta enquanto origem e coletivo - a Organicidade pressupõe o resgate da ancestralidade por meio da prática, do envolvimento e do compartilhamento.

Nessa perspectiva, a criação de um baralho terapêutico, tem como objetivo principal semear palavras e despertar o questionamento sobre os modos de viver que nos fazem adoecer, que nos distanciam da comunidade e nos fazem normalizar o não-pertencimento à lugar algum, ou até mesmo, à reproduzir a cosmofofia. Para Bispo (2023) a cosmofofia é um medo, uma doença cuja causa reside na necessidade de desenvolver, de desconectar, de afastar-se da realidade, tendo como consequência o sistema cruel ao qual estamos inseridos, onde há desconexão, expropriação, acumulação e extração desnecessárias.

Logo, se o sistema nos condiciona ao adoecimento coletivo, a práxis de uma psicologia contracolonial, pautada no cuidado como forma de re-existência e reencantamento, deve estar comprometida com o resgate de saberes que não operem na lógica colonial de aniquilação do bem-viver. Se estamos nos isolando como indivíduos, resgatamos a roda de conversa como encontro. Se estamos sendo concretados pela vida

sintética, a biointeração nos possibilita o contato com o orgânico e a confluência com outros seres vivos. Conforme nos ensina Krenak (2022), se as narrativas de fim do mundo nos paralisam, a criatividade em coletivo nos motiva a reflorestar imaginários e a construir futuros possíveis em comunhão (Krenak, 2022).

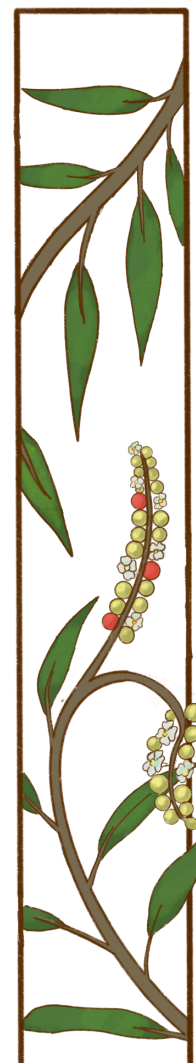
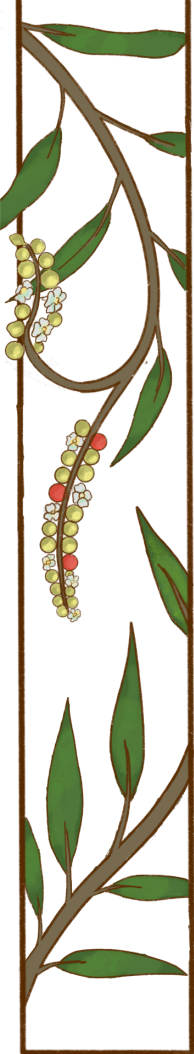
Para Lopes (2014), a ação criativa atua contra a corrente que induz as pessoas a serem uma grande massa facilmente moldável, pois ela acorda os sentidos, e estimula a capacidade de romper com a mecanização do mundo. Por isso, a “arteterapia considera a retomada da qualidade de vida gerada pelo uso dos estímulos criativos, bem como a produção variada de imagens simbólicas que favoreçam a tomada de consciência de certas situações vivenciadas” (Lopes, 2014, p. 24).

Por isso, a metodologia decolonial escolhida para este trabalho, converge com os pressupostos metodológicos da Pesquisa Participante de Paulo Freire (1987), onde os sujeitos participantes da Oficina Co-criativa, ao entrarem em contato com o baralho pedagógico-terapêutico, que foi elaborado a partir das palavras geradoras de Nego Bispo, Eduardo Miranda e Luiz Rufino, atuam como investigadores da realidade. De modo a promover um movimento dialógico, reflexivo e horizontal entre os sujeitos e o contexto em que estão inseridos.

Nesse sentido, a arteterapia em confluência com a Terapia Comunitária Integrativa, oferece como suporte metodológico o trabalho grupal, por meio da criação de um espaço de partilha circular e horizontal, no qual a sabedoria de vida e o saber popular são alicerces para a construção de redes solidárias, ou seja, além de ser uma técnica terapêutica funciona como instrumento de inserção social e de resgate da dignidade humana (Barreto *et al.*, 2020).

É na promoção de um espaço de acolhimento, escuta e expressão, que amplifique as vozes, cosmo percepções e vínculos ali partilhados, que a ferramenta “Organicidade Oracular” se apresenta como um disparador poético-simbólico de narrativas, isto é, como uma tecnologia ancestral de leitura da realidade. “Os oráculos são rituais de lembrança. Rituais de negação dos esquecimentos que nos adoecem” (Nogueira, 2025, Online).

Por isso, ao compreendermos o baralho oracular sob a ótica da contracolonialidade, adentramos a relação de escuta do cosmos e da percepção das relações — não como um fator de adivinhação, mas de reconhecimento das confluências ali já existentes e das tessituras e artesanias possíveis de serem criadas a partir do compartilhamento, da organicidade e da biointeração.



Construção da ferramenta

Para a constituição do baralho pedagógico-terapêutico “Organicidade Oracular” (Fotografia 1), foram selecionados 21 conceitos que em maioria são oriundos do livro *A terra dá, a terra quer* escrito por Bispo (2023), mas que também possuem concepções dos autores Rufino (2019), Miranda (2020) e Krenak (2022). Os conceitos foram utilizados na íntegra, conforme apresentados nas obras de referência.

As 21 cartas que compõem a ferramenta pedagógica-terapêutica — cujos conteúdos completos encontram-se nos anexos - foram organizadas em 3 eixos:

- Diagnóstico: Adoecimento Colonial - feridas da colonialidade e captura do ser. Incluem-se: *Colonialismo, Adestramento, Cosmofobia, Colonialidade, Desenvolvimento, Saber Sintético e Ser Importante*.
- Meio: Reexistência - tecnologias ancestrais de cura e práxis. Incluem-se: *Confluência, Contracolonial, Ser Necessário, Transfluência, Biointeração, Envolvimento, Compartilhamento e Saber Orgânico*.
- Começo: Reflorestar Imaginários e Reencantamento. Incluem-se: *Circularidade, Arte, Organicidade, Corpo-território, Reflorestar Imaginários e Cuidado*.

O conceito de Circularidade, segundo Bispo (2023), é “começo-meio-começo”, indicando que não há um fim, mas uma continuidade ancestral fundamentada na transfluência “onde algo vai e fica ao mesmo tempo, sem se desconectar da origem” (Bispo, 2023).

Para a aplicação do baralho pedagógico-terapêutico “Organicidade Oracular” em uma oficina co-criativa de arteterapia, foi elaborado um roteiro semiestruturado, organizado em três momentos:

- Chegança (começo): Apresentação da proposta e dinâmica inicial, na qual cada participante se apresentou não a partir do próprio nome, mas a partir de uma característica com a qual ele mais se identificava. Nesse momento, cada participante coletou um fio colorido de um emaranhado disposto no centro da roda, simbolizando as contradições, emoções e conflitos do cotidiano.
- Meio: Abertura, escolha e discussão do conteúdo das cartas bem como dos atravessamentos, sentimentos e pensamentos emergentes desse primeiro contato.

- Transfluência (começo): Após a partilha das perspectivas, os participantes foram convidados a construir uma obra coletiva com os fios coletados no início da roda (Fotografia 2).

Reflorestar imaginários

A partir da elaboração do roteiro, a Oficina “Organicidade Oracular” foi realizada em um espaço cultural coletivo da cidade de Curitiba e contou com 14 participantes. Dentre os participantes, estiveram presentes 10 mulheres cis, com idade entre 25 e 82 anos, e 4 homens cis, com idade entre 26 e 48 anos. A ferramenta de registro utilizada foi a plataforma “Sintropia Psi”, onde os diálogos foram registrados em áudio e em seguida, foram transcritos e separados em tópicos, conforme descrito à seguir:

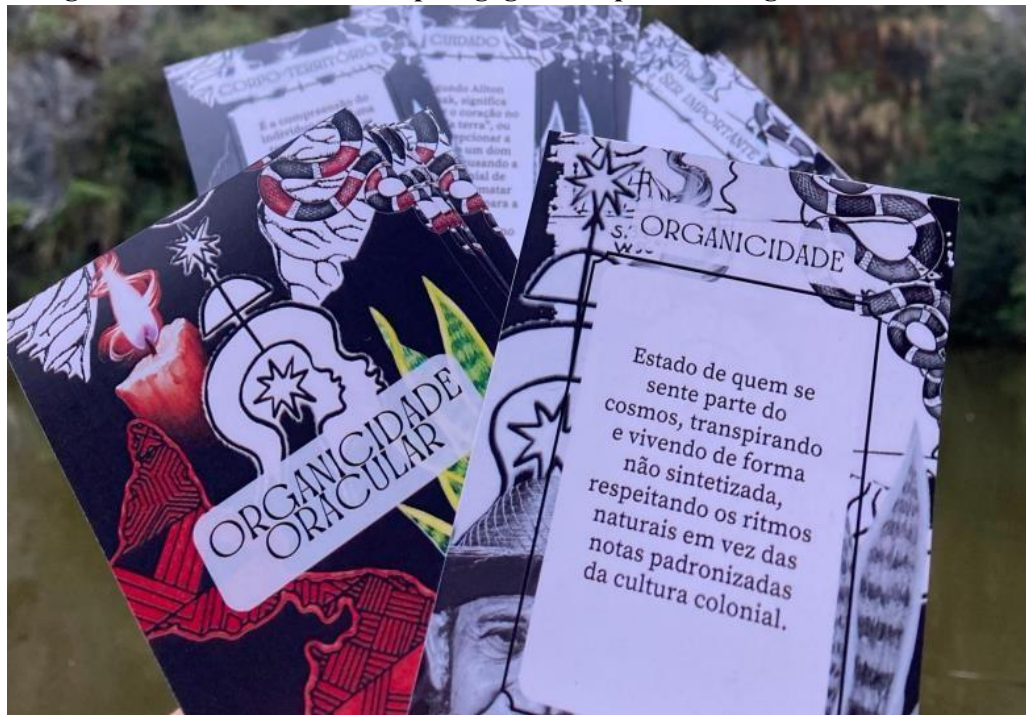
A discussão germinada na oficina co-criativa “Organicidade Oracular” abordou diferenças entre organização coletiva legítima e formas de controle hierárquico que suprimem autenticidade. Surgiram reflexões sobre quem nomeia e com que fins se classificam seres e práticas. Foram observadas contradições/tensões entre demandas do meio, necessidades e possibilidades de ação, tais como:

- Desenvolvimento linear e progresso infinito e os limites dos ciclos naturais.
- Nomeação e classificação e os modos coletivos de organização e pertencimento.
- Tecnologias eficientes, velocidade e a preservação da qualidade e da organicidade.
- Crítica ao capitalismo e à desigualdade frente às narrativas que desmobilizam ações coletivas.

A partir das discussões e reflexões emergentes da oficina co-criativa utilizando o baralho pedagógico-terapêutico “Organicidade Oracular” como dispositivo simbólico-poético de semeadura de conceitos contracoloniais e potencializador de reencantamentos, conclui-se que a confluência de saberes, aliada à prática criativa, ao substituir a lógica do adestramento pelo compartilhamento, reafirma o papel do cuidado coletivo e a necessidade de uma psicologia que saiba ouvir o cosmos. Como nos ensina Krenak (2022), cuidar significa “colocar o coração no ritmo da Terra”, e só nos autorizamos a esse gesto quando reconhecemos a vida como um dom sagrado.

Registro fotográfico da oficina

Fotografia 1: Cartas do baralho pedagógico-terapêutico “Organicidade Oracular”



Fonte: elaborada pela autora (2026).

Fotografia 2: Obra resultante da “Transfluência” despertada pela oficina co-criativa “Organicidade Oracular”



Fonte: elaborada pela autora (2026).

Fotografia 3: Roda de conversa na oficina co-criativa de arteterapia “Organicidade Oracular”



Fonte: elaborada pela autora (2026).

Referências

BARRETO, Adalberto de Paula *et al.* **Terapia comunitária integrativa: cuidando da saúde mental em tempos de crise.** Recife: Fiocruz-PE; ObservaPICS, 2020.

Disponível em:

<https://media.crfrrs.org.br/publicacoes/terapia%20comunit%C3%A1ria%20PICS-Covid-TCI-ObservaPICS.pdf>. Acesso em: 16 maio. 2025.

BISPO DOS SANTOS, Antônio. **A terra dá, a terra quer.** São Paulo: Ubu Editora/PISEAGRAMA, 2023.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido.** 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

KRENAK, Ailton. **Futuro ancestral.** São Paulo: Companhia das Letras, 2022.

LOPES, Cristina Pinto. **Práticas criativas de arteterapia como intervenção na depressão: memórias da pele.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

MIRANDA, Eduardo. **Corpo-território & educação decolonial: proposições afro-brasileiras na invenção da docência.** Salvador: Editora Devires, 2020.

NOGUEIRA, Sidnei Barreto. [Publicação no Instagram sobre linguagem, ancestralidade e os oráculos como rituais de lembrança]. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/DAOMjr0OGud/>. Acesso em: 10 abr. 2025.

RUFINO, Luiz. **Pedagogia das encruzilhadas.** Rio de Janeiro: Mórula, 2019.